



O espetáculo da cultura pós-moderna brasileira:

Internet e identidade no caso Cristiano Araújo¹

Célia Ladeira Mota²

Paulo Henrique Soares de Almeida³

Universidade de Brasília

Resumo

A morte do cantor Cristiano Araújo, que em 24 de junho de 2015 sofreu um acidente de carro enquanto voltava de um show, evidenciou a influência da internet no atual cenário brasileiro e as diferentes formas de consumir cultura no país. Um dos nomes do pop sertanejo, enquanto Cristiano era um ídolo para milhões de pessoas, ele também era desconhecido para muitos outros, que se impressionaram com a ampla cobertura do acidente na imprensa. Neste artigo, fazemos uma reflexão sobre a cultura popular brasileira e suas relações com a indústria cultural. Para isso, optamos por analisar duas narrativas. A primeira, publicada por Felipe Betim no jornal espanhol El País, no dia 24 de junho, e a segunda, uma crônica de Zeca Camargo, que foi ao ar no dia 28 de junho, no Jornal das Dez, da Globo News. A metodologia utilizada foi a análise crítica da narrativa, conforme sugerida por Gonzaga Motta (2013), onde analisamos os personagens, os jogos de palavra e a metanarrativa dos textos.

Palavras chaves: Mídia; Internet; Identidade; Cultura pós-moderna.

Introdução

Situar as manifestações culturais em seu contexto sociocultural, permite entender que o espaço físico não é apenas o cenário de acontecimentos populares, nas quais se insere a música sertaneja. Estas manifestações só podem ser compreendidas quando incorporadas à vida de diferentes comunidades. Este foi o caminho trilhado pelo pesquisador Roger Bastide, que, na década de 1950, já declarava que “o folclore

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 2 - COMUNICAÇÃO, CONSUMO e IDENTIDADE: materialidades, atribuição de sentidos e representações midiáticas, do 5º Encontro de GTS Comunicon, realizado nos dias 5, 6 e 7 de outubro de 2015.

² Célia Maria Ladeira Mota é jornalista, doutora em Comunicação, pesquisadora associada ao Programa de Pós-graduação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB). Pertence aos grupos de pesquisa Jornalismo e Construção Narrativa da História do Presente; e Cultura, Mídia e Política, da UnB. [cladmota@gmail.com].

³ Paulo Henrique Soares de Almeida é jornalista, mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB) e especialista em Leitura e Produção de Texto pela Universidade Católica de Brasília (UCB). Pertence aos grupos de pesquisa Jornalismo e Construção Narrativa da História do Presente; e Cultura, Mídia e Política, da UnB. [Pauloalmmeida@gmail.com].



não flutua no ar”. Seu ponto de vista era que o reconhecimento da cultura popular, como qualquer cultura, só existe enquanto é mantida por grupos sociais.

(...) se as estruturas sociais se modelam conforme as normas culturais, a cultura, por sua vez, não pode existir sem uma estrutura que não só lhe serve de base, mas que é ainda um dos fatores da sua criação ou de sua metamorfose. O folclore não flutua no ar, só existe encarnado numa sociedade, e estudá-lo sem levar em conta essa sociedade é condenar-se a apreender apenas a sua superfície. (BASTIDE, 1959).

Bastide não estudou especificamente a música sertaneja. Em seus estudos, ele se voltou para as condições de vida e os conflitos entre os diferentes grupos sociais, considerando que as formas de produção econômica e as relações entre os diferentes grupos explicariam os caminhos percorrido pelo folclore. Ayala & Ayala (1995) procuraram focar as divergências a respeito do emprego das expressões *cultura popular* ou *folclore*. Segundo os autores, a expressão *cultura popular*, como sinônimo de cultura do povo, permite visualizar mais facilmente um aspecto importante: o de ser uma prática própria de grupos considerados subalternos da sociedade, uma característica que tem implicações importantes na análise das condições desta produção cultural. Ela se diferencia do que é considerado folclórico, visto como uma produção arcaica, anacrônica, uma “reminiscência de lendas e tradições que se extinguem” (CARVALHO, 1967). Ou, como afirmou Câmara Cascudo, “natural é que uma produção que se popularizou seja folclórica quando se torna anônima, antiga, resistindo ao esquecimento e sempre citada” (CASCUDO, 1978).

Fizemo' a última viaje'
Foi lá pro sertão de Goiás
Fui eu e o Chico Mineiro
Também foi o capataz

Viajemo muitos dias
Pra chegar a Ouro Fino
Aonde nós passemos a noite
Numa festa do Divino (Tonico e Tinoco, 1983).

Ao contrário de uma manifestação folclórica, a música sertaneja não se torna anônima. Tonico e Tinoco, por exemplo, dão roupagem nova a “Chico Mineiro”,



gravada pela primeira vez em 1946, e que mostra o percurso desta cultura popular pela zona rural do país.

O termo sertanejo significou inicialmente o habitante do sertão nordestino, isto é, a região seca do Nordeste brasileiro, o local de origem da música dita sertaneja. Em termos mais amplos, a palavra *sertão* designa regiões afastadas dos polos urbanos e também do litoral, e se aplica a todos os sertões brasileiros, ou seja, às áreas rurais. Como gênero musical, foi a partir da década de 1910 que começaram a surgir as duplas de cantores e compositores, cuja origem era a música chamada genericamente de modas, emboladas, usando como principal instrumento a viola. Em 1929, o músico Cornélio Pires começou a gravar “causos” e fragmentos de cantos tradicionais rurais. Na época, seu trabalho ficou conhecido como música caipira, sempre apresentada por uma dupla de músicos. Esta tradição se conserva até hoje, com as apresentações de duplas, nas quais um dos cantores adota um tom de falsete na voz. Enquanto o estilo vocal manteve-se relativamente estável ao longo das décadas, o ritmo, a instrumentação e o contorno melódico incorporaram aos poucos elementos de gêneros disseminados pela indústria cultural.

Hoje, a tendência é integrar as músicas caipira e sertaneja como subgêneros dentro de um só conjunto musical, estabelecendo fases e divisões: de 1929 até 1944, como “música caipira” ou “música sertaneja de raiz”; do pós-guerra até a década de 1960, como uma fase de transição da velha música caipira rumo à constituição do atual gênero sertanejo; e do final dos anos sessenta até a atualidade, como música “sertaneja romântica”.

De acordo com as estruturas sociais que a moldaram, a música sertaneja reforça as origens, a continuidade e a tradição. Ela integra na narrativa do homem brasileiro os índios e depois os negros, o produto do “cadinho das três raças”, como acentuou Gilberto Freyre (1933), ou o produto de uma cultura nova, formada na aculturação geral, como definiu Darcy Ribeiro (1988). É neste campo que podemos destacar a figura do sertanejo, um produto de uma cultura formada por meio desses três elementos, que constituem a origem do povo brasileiro, e se firmou com a prática



dos bandeirantes, em meio ao desbravamento, conquista e povoamento do centro do país. Neste processo histórico e econômico, a mineração, a pecuária e a agricultura foram instrumentos determinantes para o fortalecimento desta cultura rural.

Euclides da Cunha, na obra *Os Sertões*, em sua interpretação do que seria o sertão e o sertanejo, afirma que “o sertanejo é, antes de tudo, um forte”, demarcando sua resistência frente a um clima e uma natureza de difícil adaptação. No sertão, na perspectiva deste autor, teria se constituído um grupo de mestiços, uma sub-raça com características próprias, basicamente de uma mistura de indígenas com bandeirantes paulistas (CUNHA *apud* OLIVEIRA; BICALHO, 2014, p. 165). De acordo com Zucon e Braga, “a valorização dos saberes, dos fazeres, das celebrações e das formas de expressão populares – tradicionais ou não – é essencial para apurarmos nossa compreensão sobre a diversidade das manifestações do povo brasileiro e desfazermos preconceitos, descortinando um universo riquíssimo que, na maioria das vezes, está mais próximo do que imaginamos” (ZUCON; BRAGA, 2013).

Indústria cultural e Internet

O conceito de indústria cultural nasceu em um texto de Horkheimer e Adorno, publicado em 1947, quando os filósofos da Escola de Frankfurt confrontaram o crescente capitalismo e o surgimento do rádio e da televisão como meios de comunicação de massa. Para eles, a cultura se degradava em indústria de diversão, dentro de uma lógica de mercadoria. Não mais a arte, em sua expressão mais elevada, pura e abstrata. Para Adorno, as tecnologias dos meios de comunicação eram os instrumentos de uma alienação totalitária. O termo “indústria cultural” passaria a significar o conjunto de mecanismos e operações através dos quais a criação cultural se massificaria e se transformaria em produção. Essa produção implicaria em regras, como a repetição de temas de sucesso caracterizados por pobreza criativa. Exemplos clássicos são os filmes de Hollywood, que se repetem em séries.

Quando os frankfurtianos se referem à cultura, eles utilizam o termo com um significado distinto do que lhe é conferido pelos antropólogos. Cultura não significa



práticas, hábitos ou modo de vida. Os autores seguem a tradição alemã, que associa cultura à Kultur e a identifica com a arte, filosofia, literatura e música. As artes expressariam valores que constituem o pano de fundo de uma sociedade. Adorno dirá, em texto escrito em 1988, que a cultura massiva deve considerar os seguintes pontos: a) vivemos numa sociedade de mercadorias; b) existe uma tendência para a concentração de capital, o que significa a produção de bens padronizados; c) se por um lado a padronização segue as condições da economia contemporânea, por outro ela é um modo de preservar a sociedade de mercadorias; d) os antagonismos não mais se limitam à esfera cultural.

A indústria cultural aparece, portanto, como uma fábrica de bens culturais que são comercializados a partir de seu valor de troca. É um espaço que deu pouco lugar à cultura, no sentido conceituado por Adorno, abolindo das telas de TV peças teatrais, balé, grandes autores da música popular brasileira, entre outras manifestações. Em seu lugar, surgiram produtos de baixo conteúdo artístico que reproduzem fórmulas de sucesso. É um panorama que começou a mudar ainda mais com o surgimento da internet.

A internet não mudou apenas a forma como as pessoas escutam música. Ela alterou também a divulgação dos próprios artistas. Numa era em que é a internet, e não o rádio, o principal meio de acesso à música, é mais difícil massificar um cantor. Isso porque com esses meios tecnológicos, cada pessoa escolhe o que quer ouvir e não existem mais ídolos de toda uma geração como no passado. Em vez disso, existem artistas que são fortes em determinadas regiões ou determinados segmentos (MARTINS; VIEIRA; IMERCIO, 2015).

Pode-se dizer que a internet recupera o conceito de cultura popular, ligando-a à subalternidade, mas reconhecendo seu valor de transformação. Como analisa Barbero, este resgate positivo reside, sobretudo, na sua representatividade sociocultural, “em sua capacidade de materializar e expressar o modo de viver e de pensar das classes subalternas, as formas como sobrevivem e as estratégias através das quais filtram, reorganizam o que vem da cultura hegemônica e o fundem com o que vem da sua memória histórica” (BARBERO, 2003, p.117).



A internet é hoje o espaço onde surgem e crescem músicos como Cristiano Araújo, por exemplo, cujo perfil na rede social é acompanhado por milhões de seguidores. A saga do cantor e sua morte geraram narrativas que vão entrar em conflito sobre o lugar da música sertaneja na cultura popular brasileira.

Análise das narrativas

“Cristiano Araújo, o cantor que ninguém conhecia, exceto milhões”, dizia o título da reportagem do jornal on-line El País, publicada em 24 de junho de 2015. Escrita por Felipe Betim, a narrativa destacava logo de início a pluralidade da cultura brasileira e suas diferenças. A expressão “ninguém conhecia, exceto milhões” foi utilizada como um jogo de palavras para significar essa diversidade.

O cantor — um dos representantes do sertanejo universitário — voltava de um show em Itumbiara, a 200 quilômetros de Goiânia, a capital do estado de Goiás, no Centro-Oeste. Seu carro capotou na BR-153 por volta das três da manhã, entre as cidades de Goiatuba e Morrinhos. No início da manhã, as redes de televisão já relatavam o ocorrido enquanto centenas de fãs deixavam suas mensagens de solidariedade na página oficial de Araújo no Facebook (que tem 6,3 milhões de seguidores). “Já sentimos sua falta. Quem nunca viveu um momento no qual Cristiano Araújo não estivesse cantando?”, escreveu um deles. No entanto, milhares de outras pessoas nem entendiam o que estava acontecendo. Muitos nunca tinham ouvido o cantor e nem sabiam o nome dele. “Quem é esse?”, “Nem sabia que existia”, era a reação nas redes. “Sei quem é porque o taxista me contou”, confessava uma mulher (BETIM, 2015).

Uma leitura mais atenta nos mostra que a narrativa de Betim percorre três caminhos: a divisão cultural por meio de classes sociais, a questão do regionalismo e também o papel da internet como um novo e importante meio de divulgação da indústria de massa.

No primeiro campo de estudo, o autor busca destacar as diferenças culturais entre a elite e a classe média. O trecho da reportagem “a morte de Araújo prova, mais uma vez, como no Brasil, um país de 200 milhões de pessoas, as desigualdades não só resistem, mas também se refletem na hora de consumir cultura” (BETIM, 2015) reforça a ideia dessa diferença, principalmente com o emprego da palavra



“desigualdade”. A fala “sei quem é porque o taxista me contou, confessava uma mulher” (BETIM, 2015), também legitima esta observação, por apresentar dois personagens que pertenceriam a classes sociais diferentes.

Neste caminho, a narrativa do jornal El País opõe duas representações principais. De um lado, os que fazem parte da “classe média tradicional”, representados como moradores dos grandes centros urbanos, como Rio de Janeiro e São Paulo, que, segundo o autor, vivem “dentro de uma bolha cultural”. Do outro, o que ele chama de “nova classe média, um grupo heterogêneo de cerca de 40 milhões de pessoas que saiu da pobreza e também passou a consumir cultura” (BETIM, 2015). Dividindo a sociedade brasileira em dois blocos, o narrador constrói as seguintes representações:

Classe média tradicional	Nova classe média
<ul style="list-style-type: none">• A música brasileira ainda se resume a clássicos como Tom Jobim, Chico Buarque, Caetano Veloso e Gilberto Gil;• São cidadãos dos grandes centros urbanos, como Rio de Janeiro e São Paulo, e que vivem dentro de uma bolha cultural;• Ouvem rock e pop estrangeiro;• Conhecem o pop sertanejo, já escutaram em festas, mas não está no seu dia a dia. Apenas "parece que já ouviram";• Pouco interesse para indústria musical	<ul style="list-style-type: none">• Grupo heterogêneo de cerca de 40 milhões de pessoas que saiu da pobreza e também passou a consumir cultura;• Consomem muitos produtos produzidos e distribuídos via internet e que fazem sucesso sem precisar de rádio, imprensa e TV.• Grupos articuladíssimos, que tocam projetos sociais e culturais muitas vezes com repercussão internacional;• Público maior do sertanejo.

Na visão do narrador do El País, é no grupo da nova classe média, emergente, que se encaixaria Cristiano Araújo. No entanto, essa teoria de divisão cultural por classes, onde a elite cosmopolita desconhecia os hits do artista, enquanto o povo simples do interior o idolatrava, deve ser criticada. Primeiro, por dados quantitativos. De acordo com pesquisa publicada pela revista Época em 2013, por exemplo, “o rock e a MPB são sons da minoria mesmo nas classes A e B. A maioria em todo o país – e



em todas as classes sociais – escuta mesmo é o sertanejo” (MARTINS; VIEIRA; IMERCIO, 2015).

Em segundo lugar, para muitos pesquisadores, observar as diferenças culturais apenas por meio das classes e grupos é um caminho arriscado, principalmente em uma sociedade em que as informações surfam na onda digital em alta velocidade e o acesso a elas estão cada vez mais fáceis. De acordo com T.S. Eliot, no livro *Notas para uma definição de cultura*, o que é pertinente nesse ponto é que o surgimento de grupos mais cultos não deixe de afetar o resto da sociedade. Ao destacar os caminhos e os perigos da evolução cultural rumo à modernidade, o pesquisador adverte que a especialização cultural é um desafio que pode também resultar em desintegração.

Eliot estrutura a cultura em três instâncias - indivíduo, grupo ou elite e sociedade em seu conjunto – No entanto, ele ressalta que, apesar de cada classe ter a cultura que produz e que lhe convém, ela não é rígida e dialoga, já que uma pessoa de uma classe pode passar para outra e compartilhar conhecimentos e experiências. Neste sentido, de acordo com o autor, “um povo não deveria ser nem muito unido, nem muito dividido, para que floresça a sua cultura, mas que soubesse transitar entre seus grupos” (ELIOT, 1988, p. 66).

O cenário da narrativa construída pelo El País percorre o caminho oposto destacado por Eliot. Ao dividir o Brasil em duas classes diferentes – a nova e a classe média tradicional – o jornalista construiu significados de duas culturas distintas, mas que não dialogam. Entre as justificativas dessa desintegração apontadas na reportagem, está a questão do regionalismo, como percebemos no trecho em que a imagem da classe média tradicional é construída. “São cidadãos dos grandes centros urbanos, como Rio de Janeiro e São Paulo, e que vivem dentro de uma bolha cultural” (BETIM; 2015). A expressão “bolha cultural” confirma nossa observação.

No entanto, apesar da velocidade das informações percorrerem o mundo pós-moderno digital e globalizado, Eliot também aponta o regionalismo e a questão demográfica como um dos obstáculos quando o diálogo entre as classes não ocorre. Para o autor, “o regionalista comum está preocupado unicamente com os interesses de



sua própria região, e sugere, portanto, ao seu vizinho do outro lado da divisa, que aquilo que é do interesse de um deve ser desvantajoso para o outro” (ELIOT, 1988, p. 70). Segundo Eliot, essa postura em identificar como cultura apenas o que é de interesse próprio de um grupo, “tem uma tendência a obliterar as distinções locais e raciais, o que é tão prejudicial à sua cultura quanto à de seus vizinhos” (ELIOT, 1988, p. 70).

A questão da geografia é de fato um ponto importante para explicar o caso Cristiano Araújo. Natural de Goiânia, centro-oeste do país, enquanto o cantor tinha um enorme público regional - que apreciava não só o estilo que ele cantava, mas também demonstrava afinidade pela imagem do artista - a enorme dimensão territorial do Brasil contribuiu para que muitas pessoas desconhecessem o cantor. No jornal Correio Braziliense, por exemplo, a crônica da jornalista Conceição Freitas destacou esse problema:

Somos todos, nós os brasileiros, um pouco caipiras, porque nascidos num país que há muito tempo deixou a roça para enfrentar a cidade grande. Pouco sabem os brasileiros sobre os goianos. Nada além do pequi, da soja, das caminhonetes, da música sertaneja e de Cora Coralina. Por isso, quando Leandro e Leonardo, Zezé de Camargo e Luciano, Jorge e Mateus e Cristiano Araújo ganham dimensão nacional, redimem o coração goiano (FREITAS; 2015).

Além da questão demográfica e do regionalismo, outro fato que explica porque milhões de pessoas não conheciam Cristiano Araújo, até a exaustiva cobertura jornalística de sua morte, é o viés dos meios de comunicação. Em um cenário cada vez mais digital, a imagem do cantor estava veiculada, principalmente, pela internet, onde ele fazia sucesso sem precisar do rádio, imprensa ou televisão. No entanto, se de um lado a *web* oferece um meio para expandir a comunicação, ela também acaba por segmentar conteúdos, criando nichos e consumidores em blocos.

A constatação da influência da internet no caso Cristiano Araújo e seu efeito nos tradicionais meios de comunicação também foi mencionada na narrativa do El País:

Em uma entrevista para o jornal O Estado de São Paulo, o antropólogo Hermano Vianna, um dos principais pesquisadores da música no país,



explicou que a ascensão das novas classes médias aconteceu ao mesmo tempo em que a cultura atravessava uma revolução digital. "Por exemplo, o mundo das gravadoras de discos, que comandava o mercado mundial de música popular, praticamente desmoronou. Milhares de pequenos estúdios surgiram em todas as periferias. Seus produtos são distribuídos via internet e fazem sucesso sem precisar de rádio, imprensa, TV", argumentou (BETIM, 2015).

Além da discussão sobre a cultura de classes, do regionalismo, da subjetividade sobre o que é ou não cultura e a influência da internet nos tradicionais meios de comunicação, o caso Cristiano Araújo serviu também para refletirmos sobre o consumo e o comportamento da grande mídia no atual cenário da cultura brasileira.

Logo após a morte do sertanejo, não foram poucos os textos que circularam na internet tentando explicar o abismo que separava os milhões de fãs do cantor daquelas pessoas que nunca haviam ouvido falar nele e porque, de uma hora para outra, ele se tornou símbolo nacional. Entre os exemplos, o jornalista Zeca Camargo causou polêmica ao afirmar no Jornal das Dez, da Globo News, que a resposta para a comoção em torno da morte do cantor estava nos livros para colorir. "Sim. Eles mesmos. Os inesperados vilões do nosso cenário pop, acusados de, entre outras coisas, destacar a pobreza da alma cultural brasileira" (CAMARGO, 2015). No entanto, a maneira como Zeca desenvolveu o comentário irritou uma multidão de pessoas e colocou o nome do jornalista na lista dos assuntos mais comentados nas redes sociais. A reverberação do acontecimento foi tamanha, que o jornalista teve que se retratar e pedir desculpas.

Entretanto, nas palavras de Zeca Camargo, o que realmente surpreendeu foi a comoção nacional. "De uma hora para outra, fãs e pessoas que não faziam ideia de quem era Cristiano Araújo partiram para o abraço coletivo, como se todos nós estivéssemos desejando uma catarse assim, um evento maior que nos unisse pela emoção" (CAMARGO, 2015). Para acirrar ainda mais a discussão, o apresentador disse que a importância dada à morte do cantor estava relacionada à falta de referências culturais na atualidade e questionou o valor dos sucessos instantâneos:

Como então fomos capazes de nos seduzir emocionalmente por uma figura relativamente desconhecida? A resposta está nos livros para colorir. Sim. Eles mesmos. Os inesperados vilões do nosso cenário pop, acusados de, entre



outras coisas, destacar a pobreza da atual alma cultural brasileira. Não vale a pena discutir aqui o verdadeiro valor desses produtos, se é que ele existe, mas eles vêm bem a calhar para que a gente faça um paralelo com a ausência de fortes referências culturais, que experimentamos no momento. A morte de Cristiano Araújo e a quase insana cobertura de sua despedida, vestiu a carapuça de um contorno de linhas pretas no papel branco, só esperando a tinta da emoção das pessoas para ganhar tons e quem sabe um significado. Como robôs coloristas, preenchemos aqueles desenhos na ilusão de que estamos criando alguma coisa. Assim como, ao nos mostrarmos abalados com a ausência de Cristiano, acreditamos estar de fato comovidos com a perda de um grande ídolo. Todos sabemos que não é bem assim. O cantor talvez tenha morrido cedo demais para provar que tinha potencial para se tornar uma paixão nacional, como tantos casos recentes. Nossa canção popular é hoje dominada por revelações de uma música só, que se entregam a uma alucinada agenda de shows para gerar um bom dinheiro antes que a faísca desse sucesso singular apague sem deixar uma chama a mais duradoura. E neste cenário, qualquer um pode, ainda que por um dia, ser uma estrela maior. Teria sido este o caso de Cristiano Araújo? O mais inquietante de tudo isso é que nosso pop não precisa ser assim. Nossa história musical e mesmo o passado recente prova que temos tudo para adorarmos ídolos de verdade e para chorar de verdade, seja pela presença deles no palco ou na saudade da perda. Mas agora, olhando em volta, parece que não vemos nada disso. Não precisa ser assim. Contradizendo o famoso refrão de Tina Turner *we don't need another hero*, precisamos sim de um outro herói, de mais heróis. Mas está todo mundo ocupado, pintando *Jardins Secretos* (CAMARGO, 2015).

Entre os fãs e sertanejos que se sentiram irritados com Zeca, o cantor Sorocaba usou o *Twitter* para expressar sua indignação. Seu comentário, e também de outros artistas, foram divulgados no site da revista *Veja São Paulo*, que reproduziu as opiniões:

Sorocaba: “Tentando tapar o ouvido pra tanta bobagem ... É triste ver em rede nacional o jornalista Zeca Camargo subestimando, nas entrelinhas da sua reportagem, a força da nossa música sertaneja e a força dos nossos ídolos ... Foi infeliz!” (VEJA SP, 2015).

Postado em 29/06/2015, a matéria da *Veja São Paulo* com o título *Zeca Camargo critica “comoção nacional” por morte de Cristiano Araújo e provoca polêmica na internet* recebeu, em apenas dois dias, 395 comentários dos leitores, que discutiram a postura do jornalista, a representação da cultura no Brasil e o papel da grande mídia como influenciadora. Abaixo, alguns depoimentos dos leitores:

J. comentou em 29/06/2015: O Zeca Camargo foi mais que infeliz no comentário, foi insensível... e vamos ser sinceros, muita gente tem o



pensamento “porco” dele, pq não respeita a cultura realmente brasileira, nada contra os “intelectuais” da música brasileira, que se acham os donos da verdade por cantarem músicas que para eles são inteligentes.. acredito que o artista vai aonde o povo está, e quem realmente movimenta esse país não são meia dúzia de burguesinhos drogados, intolerantes, preconceituosos... Escuto todo tipo de musica e tenho a preferencia por sertanejo.. acho as letras de Cazusa, Renato Russo, Lenine, etc... letras maravilhosas, mas não me representam musicalmente (VEJA SP, 2015).

Outros, no entanto, apoiaram, mesmo que em parte, a observação do jornalista e criticaram a exposição exaustiva da mídia sobre o fato:

A. comentou em 29/06/2015: Concordo em parte com o apresentado, mas me pergunto o que esse cantor sertanejo fez de bom para a humanidade, para merecer que o seu enterro fosse transmitido ao vivo pela Rede Globo e quase toda mídia nacional ao vivo, diga-se de passagem. Aqui o cientista e médico Professor Doutor Júlio Voltarelli, descobridor das células tronco que esta salvando vidas, morreu. Ninguém da imprensa deste Brasil, sequer escreveu uma linha sobre a morte do homem, do brasileiro, do cientista brasileiro que descobriu as células tronco que está salvando vidas. A sociedade brasileira se rende a um jogador de futebol, a um cantor sertanejo, a um artista, mas não se rende, não presta homenagem para aqueles que realmente fazem e fizeram um bem a humanidade.

P. comentou em 29/06/2015: Com certeza a maioria de nós entendemos o que o Zeca Camargo “tentou” dizer, mas achei lamentável a comparação, o paradoxo feito entre o artista e os livros de colorir. Se muita gente não conhecia o Cristiano, isso é um fato normal, como a própria crônica diz, o Brasil é um país grande em território e cultura, o que em minha região é conhecido, pode não ser conhecido em outra. A forma com que ele colocou a comoção das pessoas perante a morte do Cristiano Araújo, nos leva a entender que somos fracos, sem cultura, que muita gente é levado pela massa, pode até ser, caro Zeca Camargo, em alguns casos, mas nem todo mundo é igual, nem todo mundo chorou pela morte do Cazusa por questões culturais, não somos obrigados a termos os mesmos gostos, ainda bem né! Que se todos nós gostássemos do mesmo gênero musical, não havia as diversidades a serem respeitadas e respeito aos fãs, foi uma coisa que te faltou. Se você acha que estamos tão cegos, que nos distraímos com qualquer besteira como livro de colorir e música sertaneja que bom que seu intelecto está tão elevado, usa esta elevação para ser mais humano! (VEJA SP, 2015).

Se deixarmos de lado o tom grosseiro e algumas comparações exageradas, as observações de Zeca Camargo se aproximam do que Vargas Llosa chama de civilização do espetáculo. “Civilização de um mundo onde o primeiro lugar na tabela



de valores vigente é ocupado pelo entretenimento, onde divertir-se, escapar do tédio, é a paixão universal” (VARGAS LLOSA, 2015, p. 29).

Ao relacionar o episódio com os livros de colorir, para então ressaltar “a pobreza da atual alma cultural brasileira”, Zeca expõe um ponto também observado por Vargas Llosa: que o público da pós-modernidade quer, cada vez mais, produtos fáceis de serem consumidos e que, principalmente, os distraiam. “Nossa canção popular é hoje dominada por revelações de uma música só” (CAMARGO, 2015). É deste modo que, como bem adverte Vargas Llosa, a cultura se torna sinônimo de passatempo, onde “a literatura light, assim como o cinema light e a arte light, dá ao leitor e ao espectador a cômoda impressão de que é culto, revolucionário, moderno, de que está na vanguarda e com um mínimo esforço intelectual” (VARGAS LLOSA, 2015, p. 32).

Para Vargas, essa cultura pós-moderna que se pretende avançada e de ruptura, na verdade propaga o conformismo através de suas piores manifestações: a complacência e a autossatisfação. Neste cenário, a cultura passa a ser vista como um produto comercial em jogo do mercado, onde seu preço passa a ser confundido com seu valor.

Conclusão

A partir da análise dos textos, vimos que o caso Cristiano Araújo levantou um debate sobre o consumo e o atual cenário da cultura brasileira. Reforçou os diferentes tipos de costumes que formam a identidade do Brasil, levantou os obstáculos para o seu conhecimento e, principalmente, destacou como a internet e as mídias alternativas podem ao mesmo tempo servir como meio de propagação das práticas sociais e culturais, como também desintegrá-las, ao oferecer conteúdos em blocos e segmentados para seu público.

Nas divergências sobre o que é ou não cultura e o que representa o país, a massiva cobertura jornalística do episódio nos fez refletir também sobre civilização do espetáculo, onde a indústria de massa, ao democratizar a cultura, acaba



confundindo as tradições de um povo. Neste cenário, a avalanche de informações que chegam a todo instante torna-se um problema quando seu efeito é a banalização do conhecimento.

Por outro lado, a repercussão da morte do cantor nas mídias tradicionais, mostrou a vitalidade de uma cultura popular que representa a tradição de um gênero musical, cujas origens remontam à própria formação do povo. Um gênero que canta um Brasil rural imenso, mas esquecido dos habitantes dos grandes centros urbanos. As duas narrativas examinadas neste artigo tornam visíveis as relações de conflito e dominação entre os grupos sociais. São conflitos que ultrapassam a oposição entre o rural e o urbano, mas que devem ser compreendidos relacionando a dominação e hegemonia entre grupos sociais, no campo ou cidade, independentemente da localização geográfica.

Referências

- ADORNO, Theodor. **Teoria estética**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- AYALA, Marcos; AYALA, Maria Ignez. **Cultura popular no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 1995.
- BARBERO, Jesús Martin. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2003.
- BASTIDE, Roger. **Sociologia do folclore brasileiro**. São Paulo: Anambi, 1959.
- BETIM, Felipe. Cristiano Araújo, o cantor que ninguém conhecia, exceto milhões. **El País**. Disponível em: < http://brasil.elpais.com/brasil/2015/06/25/cultura/1435186419_653347.html > Acesso em: 29/06/15.
- CAMARGO, Zeca. Cristiano Araújo arrastava multidões pelo interior do país. **Globo News**. Disponível em: < <http://globo.com/globo-news/jornal-das-dez/v/cristiano-araujo-arrastava-multidoes-pelo-interior-do-pais/4283896/>>. Acesso em 30.06.15.
- CARVALHO, Rodrigues. **Cancioneiro do Nordeste**. Rio de Janeiro: MECV/INL, 1967.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio/INL, 1978.
- ELIOT, Thomas Stearns. **Notas para uma definição de cultura**. São Paulo: Perspectiva SA, 1988.



LLOSA, Mário Vargas. **A civilização do espetáculo**: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

MARTINS, Ivan; VIEIRA, João Luiz; IMÉRCIO, Aline. **Cristiano Araújo**: um ídolo da Seattle sertaneja. Revista Época nº 890. 4 julho 2015.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora da UnB, 2013.

OLIVEIRA, Fernanda Alves da Silva; BICALHO, Poliene Soares dos Santos. A influência dos saberes indígenas na configuração simbólica da Cultura Sertaneja na atualidade. **Revista de História da UEG**. Anápolis, v.3, n.2, p. 162-178, jul/dez. 2014.

VEJA SP. Zeca Camargo critica “comoção nacional” por morte de Cristiano Araújo e provoca polêmica na internet. Disponível em:

<http://vejasp.abril.com.br/blogs/pop/2015/06/29/zeca-camargo-cristiano-araujo-morte-polemica/>. Acesso em: 30/06/2015.

ZUCON, Otávio; BRAGA Geslline. **Introdução às Culturas Populares no Brasil**. Curitiba: Editora InterSaber, 2013.